

Ainda era cedo para haver clientes, apesar de um estudante que viera por causa de Sadjidé estar já com os cotovelos apoiados no balcão. Mas não valia a pena atendê-lo, pois só pedia canecas de cerveja e não as bebia.

Só a gorda Lola estava no seu posto, na primeira mesa, enfeitada de seda rosa e pérolas grossas, e olhava em frente esboçando o vago sorriso que conservaria durante a noite. Ou talvez não! Durante os breves minutos do seu número de dança, franziria o sobrolho e morderia os lábios olhando de soslaio e angustiada para os pés. Nunca se gabara de saber dançar e se, como as outras, dançava, era porque o regulamento do cabaré só tolerava «artistas». E era isso mesmo que estava inscrito no seu passaporte!

Sadjidé ainda não tinha descido. Era sempre a última a fechar-se no desvão que servia de camarim às senhoras do estabelecimento e só aparecia, com modos de vedeta, depois de se ter certificado, através de um buraco no pano, de que havia clientes na sala.

Então os homens faziam-lhe um sinal amigável ou um sorriso, beliscavam-na à passagem, davam-lhe palmadinhas no rabo e, se alguém não o fizesse, sabia-se logo que era novo em Ancara.

Encostado ao balcão, o jovem estudante estava verdadeiramente apaixonado e, para já, em vez de esperar calado, questionava Sonia, a russa que não dançava mas que entoava romanças em francês e em alemão.

— Fecharam tarde ontem à noite?

— Como sempre, pelas quatro ou cinco da manhã.

— E Sadjidé?...

O olhar do estudante corria odioso para o fundo da sala onde se perfilavam dois andares de exíguos camarotes. Noutros lugares era possível beber uma cerveja ou uma limonada. Nos camarotes, o consumo de champanhe turco ou de *cocktails* era obrigatório, bem como a sua oferta a alguma das «artistas». Em contrapartida, havia liberdade para fechar quase hermeticamente o camarote com uma cortina.

À espera dos clientes, o saxofonista afinava com tédio o seu instrumento, levava-o aos lábios, extraía-lhe dois ou três sons ao acaso e olhava-o de novo enquanto o pianista lia um jornal de Istambul.

Quanto ao dono, um pequeno judeu ágil e calvo, preparava os consumos para a noite, pois conseguia prever, com uma margem de erro de duas ou três cabeças, o número de clientes.

A sessão parlamentar estava a chegar ao fim. Dali a três ou quatro dias, o Gazi haveria de libertar a Assembleia para as férias de verão, sendo que alguns deputados tinham já abandonado a capital.

Além das embaixadas, o que sobrava? À volta do Chat Noir, que se preparava com indolência para a vida noturna, não se erguia uma cidade, mas antes uma espécie de posto avançado, como aqueles que existiam na América no tempo da conquista do Oeste. Ao cabo de alguns anos, no meio do nada, onde definhava um lugarejo indígena numa colina descascada, surgiam, por vontade de Mustafa Kemal, palácios e ministérios cercados de ruas alcatroadas onde despontava um grande hotel.

Isto não evitava que na manhã seguinte, quando Mustafa fosse passar o verão no Bósforo, não restasse ninguém nas ruas, nas casas novas e nos escritórios.

Esta noite havia um grande jantar no Ankara Palace. Havia dois meses que belgas e suíços estavam ali hospedados, tendo solicitado a concessão de uma linha elétrica que acabavam agora mesmo de obter. De imediato, convidaram funcionários e deputados.

O dono do Chat Noir contava que chegassem por volta das duas da manhã e guardava já dez garrafas de verdadeiro champanhe no fresco.

Uma jovem grega, com olhos de cão triste, chamada Aspasia, escrevia uma carta com tinta violeta quando o patrão lhe gritou:

— Se te atreves a manchar a toalha...

A seu lado, Nouchi, a húngara, encalhada há uma semana em Ancara, envernizava as unhas.

Ainda faltava pelo menos uma boa meia hora...

A campainha do telefone tocou. O patrão atendeu, fez sinal ao saxofonista para que se calasse, fez uma pose humilde que, depois de desligar, deu lugar a um ar orgulhoso e confiante.

— Sadjidé!... Aspasia!... Lola!...

Estava mais emocionado do que na ocasião em que um embaixador ocupava um dos lugares nos camarotes depois de entrar pela porta dos fundos.

— Sadjidé!... — repetiu com o olhar posto no teto.

Ouviram-se passos arrastados. Sadjidé apareceu, sem pinturas, meio nua, num roupão manchado de maquilhagem.

— Apronta-te, rápido! E pira-te para a «Quinta»!

Sadjidé não resmungou, já estava habituada. Lola precipitou-se para o camarim. A russa perguntou:

— Eu também?

— Não. Alguém tem de ficar aqui. Além disso, não estão interessados em canções!

— E eu? — perguntou Nouchi, a húngara.

Era a mais jovem. Não aparentava ter sequer dezoito anos, com um rosto irregular, um nariz pontiagudo e um olhar que parecia crivar-nos de agulhas.

— Tenta!

Durante um quarto de hora o Chat Noir deixou de existir. Corria-se pelas escadas em direção ao desvão. As mulheres punham batom ou base, empurravam-se diante de um pedaço de espelho.

— Sadjidé! — suspirou o estudante ao vê-la encaminhar-se para um táxi.

— O quê?

— Prometes-me?...

Ela soltou uma gargalhada, beijou-o na face e encaixou-se no carro com as outras. Só restara Sonia na sala, mas um dos músicos procurava já duas mulheres que não estavam ligadas à casa, porque não dançavam, mas que faziam um «extra» de vez em quando.

O patrão juntou as garrafas com um sorriso. Sabia que o táxi estava a atravessar a cidade, decerto seguido por dois motociclos da guarda do Gazi.

A Quinta situava-se na orla de Ancara e era uma casa simples, térrea, no meio das plantações. Mustafa passava aí mais tempo do que no seu palácio.

Devia estar um bom grupo, familiares e ministros, a jantar copiosamente quando um dos convivas anunciou:

— Se mandássemos entrar as bailarinas?

No Chat Noir, o jovem que ainda não estava servido aproveitou para sair sem beber e sem pagar a sua cerveja.

— Por que razão nunca me convidaste?

Era o dia seguinte. Nouchi trazia um vestido novo, de seda preta, que lhe moldava a cintura estreita e fazia sobressair uns seios bem mais proeminentes do que o resto do corpo e de que se orgulhava.

Passava da meia-noite. Sadjidé bebia e ria num outro camarote com dois italianos que estavam de passagem. Sonia cantava. Na sala, alguns turcos sem dinheiro suficiente para pagar um divertimento próprio olhavam, escutavam e bebiam cerveja.

— Como é possível que compreendas húngaro?

— Viajei pelo teu país.

Nouchi observava o seu companheiro com uma curiosidade mesclada de desconfiança. Já o tinha visto no Chat Noir. Certa noite, às quatro da manhã, saíra com Sadjidé.

— És mesmo francês?

— Mesmo! — respondeu ele, a sorrir. — Já tu, por muito húngara que sejas, até aposto que nasceste em Viena.

— Como adivinhaste?

O empregado veio tomar nota do pedido e Nouchi, como habitualmente, aprontava-se para responder:

— Champanhe!

Mas o seu companheiro pronunciou com firmeza:

— Dois *cocktails*!

— Não me ofereces uma ceia?

Abanou a cabeça enquanto o empregado se afastava. Depois, com a mão sobre o joelho fino de Nouchi:

— Como vieste parar aqui?

— Vim porque me agrada! — respondeu, vexada.

— Não é possível!

— É, sim!

— Não!

Discutiam como crianças.

— Onde te separaste das outras?

— Em Esmirna! Alguém te disse?

— Ninguém me disse nada.

Seria assim tão difícil de adivinhar? Costumam sair em bandos de dez ou doze pequenas húngaras, mais ou menos bailarinas, por vezes acompanhadas por uma ou duas mães, e empreendem a *tournée* dos cabarés do Oriente.

Por toda a parte encontram os mesmos Tabarin ou Chat Noir, os mesmos camarotes com cortinas, os mesmos patrões políglotas.

Não se lhes pede muito: um vago número de dança, o mais despedido possível, antes do verdadeiro trabalho que consiste em levar os clientes a beber.

— Por que razão não me pagas uma ceia?

— Porque não tenho dinheiro.

Lançou-lhe um olhar incrédulo. Ele tinha quarenta anos e não se parecia com nada daquilo que Nouchi conhecera até então. Só tinha visto personagens do mesmo género em filmes.

Talvez fosse francês. Tinha escassos cabelos loiros, deixando adivinhar o crânio, e alguns grisalhos junto às orelhas.

Era alto... Era...

Ou antes, Nouchi não conseguiu deter-se nos pormenores. Para ela, o que contava era o seu ar distinto. Aliás, ele usava um monó-